



Pontes entre passado e futuro: observações sobre gênero e a educação museal no Brasil entre 1958 e 2018

Fernanda Santana Rabello de Castro

Doutora em Educação – Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Presidenta do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), Brasília, DF, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/5527977130310323>

fernandasantanacastro@gmail.com



Ana Carolina Gelmini de Faria

Doutora em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Professora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/9506092922437967>

carolina.gelmini@ufrgs.br

Submetido em: 29/04/2023. **Aprovado em:** 22/05/2024. **Publicado em:** dd/mm/aaaa.

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões preliminares de uma pesquisa de mestrado em curso no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS), que tem como objetivo identificar concepções pedagógicas presentes na produção intelectual de mulheres que atuaram no Museu Histórico Nacional entre 1922 e 1958. Parte da análise de artigos publicados nos Anais do Museu Histórico Nacional para promover uma reflexão sobre rupturas e permanências presentes no desenvolvimento da educação museal, enquanto campo prático, teórico e profissional, no Brasil, a partir de uma comparação com o conteúdo dos princípios e diretrizes da Política Nacional de Educação Museal. A identificação da contribuição das mulheres para a constituição histórica da educação museal é vista como um elemento de reconhecimento, inclusão social e valorização dessas mulheres na produção intelectual da Museologia, especialmente em sua interface com a Educação.

Palavras-chave: educação museal; gênero; mulheres; Museu Histórico Nacional; Política Nacional de Educação Museal.

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta um conjunto de análises preliminares de um recorte de pesquisa de mestrado em curso, no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS), sobre o papel das mulheres na educação museal do Museu Histórico Nacional (MHN) entre 1922 e 1958.

Sendo um dos primeiros museus do País e sede da criação do primeiro curso de formação da área, o Museu Histórico Nacional contou, desde sua fundação, em 1922, com a participação ativa de mulheres no desenvolvimento da teoria e da prática museológica. Algumas dessas mulheres foram as primeiras formadas no Curso de Museus, criado em 1932, e as primeiras servidoras públicas da instituição.

A pesquisa em tela é motivada pela busca de alguns reconhecimentos no campo da Museologia e da educação museal: (1) as mulheres cumpriram (e ainda cumprem) papel relevante na construção conceitual e prática da sua área de atuação; (2) mulheres que atuaram no Museu Histórico Nacional tiveram papel crucial na formulação e realização de ações educativas e reflexões que permearam debates do Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus, de 1958, realizado no Rio de Janeiro; (3) essas mulheres contribuíram para a concepção de uma proposta de pedagogia museal que ainda está em construção no Brasil, mais de 60 anos após a realização do referido Seminário; (4) a educação museal brasileira desenvolve-se historicamente tendo como base a atuação de profissionais desde as primeiras décadas do século XX, com especial participação de mulheres, o que pode ser observado ao comparar a produção intelectual dessas mulheres com os conteúdos da Política Nacional de Educação Museal de 2018. e (5) a educação museal é uma importante ação de transformação social, que permite a inclusão, a formação integral e o desenvolvimento da cidadania.

Para realizar essas reflexões, escolheu-se analisar o trabalho de três mulheres que atuaram no Museu Histórico Nacional entre o ano de sua fundação e o da realização do Seminário Regional sobre a Função Educativa dos Museus, reconhecido como marco do desenvolvimento da educação museal internacionalmente e que produziu um relatório¹ que se tornou uma importante referência na área da Museologia (Faria, 2014).

A partir da análise da produção intelectual de Nair de Moraes Carvalho², que em 1957 publicou o artigo “Papel Educativo do Museu Histórico Nacional”³, de Sigrid Pôrto de Barros⁴,

1 O relatório pode ser lido na íntegra, traduzido para o português na publicação do Museu da República sobre os 60 anos do Seminário da Unesco, disponível em: https://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/Livro_seminario_WEB.pdf. Acesso em: abr. 2023.

2 Nair de Moraes Carvalho matriculou-se no Curso de Museus em 1935, sendo diplomada em 1936. Funcionária do Museu Histórico Nacional desde 1937, foi professora do Curso de Museus e a primeira coordenadora do Curso, (Sá; Siqueira, 2007).

3 Texto na íntegra: CARVALHO, N. M. Papel Educativo do Museu Histórico Nacional. In: Anais do Museu Histórico Nacional, VIII., 1957, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957. p. 18-30. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/18>. Acesso em: abr. 2023.

4 Sigrid Pôrto de Barros matriculou-se no Curso de Museus em 1947, sendo diplomada em 1949. Funcionária do Museu Histórico Nacional desde 1953, foi chefe da Seção de Pesquisa e Assistência Pedagógico-Museográfica da Divisão de Atividades Educacionais e Culturais do Museu em 1977 e chefe da Seção de Pesquisa Museológica de 1978 a 1981, quando aposentou-se. Professora do Curso de Museus, atuou como coordenadora de 1967-1968 (Sá; Siqueira, 2007).

que escreveu “O museu e a criança”⁵ e “ A mensagem cultural do museu”⁶, publicados em 1958 e 1964, e de Dulce Cardozo Ludolf⁷, que teve seu texto “Nova diretriz dos museus”⁸ publicado em 1964, apresentamos pontes que conectam concepções pedagógicas presentes no trabalho destas mulheres e aos conteúdos presentes na Política Nacional de Educação Museal (PNEM), desenvolvida entre 2012 e 2017, de forma participativa pelo Instituto Brasileiro de Museus e que teve publicado em 2018 o Caderno da Política Nacional de Educação Museal, que, entre outros textos, apresenta um glossário de termos e conceitos que embasam teórica e conceitualmente as diretrizes constituintes desta política.

Partimos das seguintes reflexões, para promover o reconhecimento do papel destas mulheres no desenvolvimento histórico da educação museal no Brasil possibilitando também a promoção da valorização da atuação e protagonismo femininos no desenvolvimento desse campo em dias atuais:

(1) Quais as concepções pedagógicas que podemos identificar em suas produções intelectuais?

(2) Como sua atuação profissional contribuiu para a conformação do campo da educação museal?

(3) As concepções pedagógicas que embasam essa atuação estão ainda presentes na realidade do campo e de suas políticas públicas, em especial, podendo ser reconhecidas na Política Nacional de Educação Museal (2017)?

A seguir apresentaremos a metodologia e ferramentas utilizadas para a realização da análise dos textos mencionados e dos cinco princípios e das 19 diretrizes da Política Nacional de Educação Museal. Em seguida buscaremos demonstrar por meio da comparação de trechos retirados dos artigos das mulheres que atuaram no Museu Histórico Nacional e da Política Nacional de Educação Museal, possíveis rupturas e continuidades que formam o escopo conceitual da educação museal na atualidade. Por fim, trazemos nas considerações finais reflexões preliminares acerca da pesquisa em curso, baseadas na transversalidade entre Educação, Museologia e gênero, que consideramos convergir em uma proposta pedagógica museal que aponta para a transformação social, a inclusão, a formação integral e o exercício da cidadania.

5 Texto na íntegra: BARROS, S. P. Museu e a Criança. *In*: Anais do Museu Histórico Nacional, IX., 1958, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957. p. 18-30. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/19>. Acesso em abril de 2023.

6 Texto na íntegra: BARROS, S. P. A mensagem cultural do Museu. *In*: Anais do Museu Histórico Nacional, XIII., 1964, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1964. p. 216-228. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/23>. Acesso em: abr. 2023.

7 Dulce Cardozo Ludolf matriculou-se no Curso de Museu em 1940 e formou-se em 1941. No ano seguinte, foi classificada no concurso para cargos na carreira de Conservador e, após atuar no Museu Nacional, compôs, em 1944, o quadro funcional efetivo do Museu Histórico Nacional na Seção de Numismática. Professora do Curso de Museus, foi vice-diretora do Curso de Museologia – UNIRIO em 1983-1984 e coordenadora de 1984-1988 (Sá; Siqueira, 2007).

8 Texto na íntegra: LUDOLF, D. C. Nova Diretriz dos museus. *In*: Anais do Museu Histórico Nacional, XIII., 1964, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1964. p. 189-200. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/23>. Acesso em: abr. 2023.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, em desenvolvimento, foram realizados levantamentos e análises documentais e bibliográficas, que consideraram: (1) as fontes primárias de análise, sendo os textos já mencionados, publicados em diferentes volumes dos Anais do Museu Histórico Nacional, bem como a Portaria Ibram nº 605, de 10 de agosto de 2021, que dispõe sobre a Política Nacional de Educação Museal; (2) bibliografia complementar sobre Museologia, Educação e gênero.

Entre os textos complementares, as referências sobre gênero e Museologia e sobre educação museal consideraram recentes pesquisas sobre esses temas, que têm se desenvolvido de forma particular no Brasil, atendendo a aspectos nacionais que abrangem do desenvolvimento de ações nos museus, reflexões teóricas a políticas públicas.

No contexto do debate de gênero, Vaquinhas (2014) e Brulon (2019), apresentam a Museologia de Gênero como um campo de estudos recente. Esta pesquisa tem como referência o ponto de vista apresentado por Rechena (2011), em sua tese, em que a autora propõe o estudo de gênero a partir da Sociomuseologia. Apesar de identificar que essa corrente da Museologia ainda não incorporou em seus estudos a questão do gênero de forma efetiva a autora propõe:

Ao falarmos de gênero em sociomuseologia deparamo-nos com questões do foro da desigualdade social, da inclusão e da exclusão, do acesso ao usufruto dos bens patrimoniais, da construção das identidades de homens e mulheres e da preservação e valorização igualitária das memórias de ambos. Trata-se de questões sociais de largo espectro que encontram espaço de abordagem na sociomuseologia por se dedicar esta à sociedade contemporânea e tomar o ser humano e os seus problemas como o principal objeto de estudo, reflexão e de trabalho (Rechena, 2011, p. 160).

É portanto, por meio da análise do trabalho intelectual de mulheres produzido no contexto educativo do Museu Histórico Nacional, que propomos pensar na educação museal como proposta de inclusão e transformação social, o que significa também pensar no protagonismo feminino que pode ser identificado no processo de constituição da educação museal como campo profissional. Igualmente importante é destacar qual o conceito de educação museal que se tem por base ao produzir as análises propostas. Trabalhamos com a ideia de educação museal tal qual apresentada no Caderno da Política Nacional de Educação Museal:

A Educação Museal coloca em perspectiva a ciência, a memória e o patrimônio cultural enquanto produtos da humanidade, ao mesmo tempo em que contribui para que os sujeitos, em relação, produzam novos conhecimentos e práticas mediatizados pelos objetos, saberes e fazeres. [...] Neste contexto, a Educação Museal é uma peça no complexo funcionamento da educação geral dos indivíduos na sociedade. Seu foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e a experiência da visita. Mais do que para o “desenvolvimento de visitantes” ou para a “formação de público”,

a Educação Museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la (Costa *et al.*, 2018, p. 74).

No contexto desta pesquisa, a educação museal é compreendida em sua dimensão histórica, considerando, portanto, a ação educativa das mulheres do Museu Histórico Nacional no período citado, como parte do desenvolvimento teórico da educação museal no Brasil.

Para identificar concepções pedagógicas presentes na produção intelectual das mulheres educadoras do Museu Histórico Nacional, possibilitando identificar concepções pedagógicas presentes na educação museal, utilizamos a referência do trabalho teórico de Demerval Saviani (1999), que propõe uma categorização considerando diferentes correntes epistemológicas que se caracterizam, em maior ou menor escala, como: (1) teorias não-críticas; (2) teorias crítico-reprodutivistas e (3) teorias críticas. Segundo o autor, a partir dessas teorias desenvolvem-se diferentes propostas pedagógicas e:

[...] do ponto de vista da pedagogia, as diferentes concepções de educação podem ser agrupadas em duas grandes tendências: a primeira seria composta pelas concepções pedagógicas que dariam prioridade à teoria sobre a prática, subordinando esta àquela sendo que, no limite, dissolveriam a prática na teoria. A segunda tendência, inversamente, compõe-se das concepções que subordinam a teoria à prática e, no limite, dissolvem a teoria na prática (Saviani, 2005, p. 1).

Ainda sob esse aspecto, após diferenciar a Pedagogia (teorias da prática educativa) de outras ciências da Educação (que por sua vez não se debruçam sobre a prática educativa), Saviani (2005) afirma que, de maneira geral, as diferentes formas em que a pedagogia se manifesta se agrupam entre propostas associadas à pedagogia tradicional e, de outro lado, à nova pedagogia. O trabalho de conservadoras do Museu Histórico Nacional, como as autoras já mencionadas, é, por exemplo, comumente associado às teorias pedagógicas da Escola Nova⁹ (Faria, 2017) em voga na primeira metade do século XX no Brasil, sendo recorrente encontrar em seus textos a menção à *Escola Ativa*.

Para fins de análise comparativa, entre a produção intelectual das autoras, a partir dos textos mencionados, e a Política Nacional de Educação Museal, foi organizada uma extração de citações que permite uma análise de conteúdo articulada, a exemplo do quadro 1:

9 O movimento da Escola Nova também foi conhecido como escolanovismo, Escola Ativa ou Escola Progressiva (Faria, 2017).

QUADRO 1 – Atuação pedagógica de mulheres no MHN: produção intelectual, concepções pedagógicas e relações com a PNEM – exemplo da operação metodológica

Educadora	Produção Intelectual	Concepções Pedagógicas	Relação com PNEM	Observações
<p>Nair de Moraes Carvalho</p>	<p>Papel educativo do Museu Histórico Nacional. Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v.8, pp.18–30, 1947</p>	<p>Trecho 1 “De então por diante, um número cada vez maior de conservadores, uns espontaneamente, outros contra a vontade, tiveram de recrutar pessoal especializado e de criar até departamentos próprios para se ocuparem das atividades concernentes à juventude. Os que hesitaram seguir êsse rumo ou recusaram providenciar quanto às necessidades peculiares às crianças arriscaram-se a ser taxados de reacionários incorrigíveis ou de retardatários. As influências que produziram tais resultados geralmente vieram de fora dos museus e não de dentro; emanaram dos educadores e mestres entusiastas, não dos profissionais da museologia.” (p. 19)</p>	<p>Trecho 1 Princípio 3 – Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu.</p>	<p>Este trecho aponta a influência da corrente pedagógica renovada? extração de termos e conceitos identificados e explícitos nos textos: irradiação cultural, expansão cultural, Escola Ativa</p>
<p>Sigrid Pôrto de Barros</p>	<p>O museu e a criança. Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 9, pp. 46-73, 1948. A mensagem cultural do museu. Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 13, pp. 216-228, 1952.</p>	<p>Trecho 1 “O passado dos museus tornava-os órgãos de preservação e pesquisa. Contudo, modernamente, o conceito vai-se ampliando e êles passaram a lançar mão de recursos eficientes que os credenciam junto à Pedagogia, constituindo atualmente um dos melhores meios usados pela Escola Ativa, sobretudo em países em que o pequeno nível cultural do povo, não exclui a curiosidade do espírito e o desejo de progresso.” (p. 46)</p>	<p>Trecho 1 Princípio 1 – Estabelecer a educação museal como função dos museus reconhecida nas leis e explicitada nos documentos norteadores, juntamente com a preservação, comunicação e pesquisa. Princípio 2–A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.</p>	
<p>Dulce Cardozo Ludolf</p>	<p>Nova diretriz dos museus. Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 13, pp. 191-202, 1952.</p>	<p>Trecho 1 “Constata-se, cada dia, um crescente desenvolvimento em todos os ramos da ciência, uma aplicação prática do saber humano em novos campos de atividade.” (p. 189)</p>	<p>Trecho 1 Princípio 2–A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade. Eixo II Diretriz 4–Valorizar o profissional da educação museal, incentivando a formalização da profissão, o estabelecimento de planos de carreira, a realização de concursos públicos e a criação de parâmetros nacionais para a equiparação da remuneração nas várias regiões do país.</p>	<p>A autora assina como “conservador” do museu, no gênero masculino</p>

Fonte: Das autoras, extraído dos Anais do Museu Histórico Nacional e da Política Nacional de Educação Museal, 2022.

Nesta ferramenta de coleta de dados, as colunas representam: (1) a educadora cuja obra é analisada; (2) a referência da produção intelectual de cada autora, com os textos publicados nos Anais do Museu Histórico Nacional e referências completas; (3) trechos que contêm elementos das concepções pedagógicas apresentadas por Dermeval Saviani (2005) em sua teoria pedagógica; (4) trechos da Política Nacional de Educação Museal, que se consideram possíveis de relacionar com citações de publicações das conservadoras do Museu Histórico Nacional; e (5) observações pertinentes.

O quadro produzido para esta pesquisa traz um conjunto de 52 trechos extraídos dos textos analisados das autoras do Museu Histórico Nacional, entre os quais se pode fazer um paralelo com 39 trechos retirados da Política Nacional de Educação Museal. A análise parcial deste conteúdo será apresentada na próxima seção.

Uma observação necessária de se fazer é a de que nem todos os trechos em que se considera possível extrair alusões às concepções pedagógicas presentes nos textos das conservadoras do Museu Histórico Nacional apresentam correspondentes com os trechos retirados dos princípios e diretrizes da Política Nacional de Educação Museal. Entretanto, de maneira geral esse paralelo é viável, por exemplo, pela identificação da afinidade entre temas tratados, como a necessidade de reconhecimento da profissão do(a) educador(a) no museu, ou da criação de setores educativos nestas instituições, como está presente nos primeiros trechos identificados.

A seguir, apresentamos algumas análises preliminares da pesquisa em curso, considerando os temas abordados: (1) Museologia e gênero; (2) Museologia e Educação e (3) Museologia e políticas públicas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Museologia e gênero

De acordo com Nancy Fraser (2006) existem três dimensões principais de desigualdade que permeiam a existência das mulheres na sociedade atual: redistribuição econômica, representação e reconhecimento. A autora, ao problematizar a luta contra formas de opressão e preconceito como aqueles ligados às questões de “nacionalidade, etnicidade, raça”, gênero e sexualidade”, avalia a condição social do que chama de conflitos “pós-socialistas”, chamando a atenção para a necessidade de se perceber o curso de uma “luta por reconhecimento” (Fraser, 2006, p. 231). Fraser (2006) reforça que o combate às condições de opressão deve combinar ideias ainda não superadas, apresentadas por teorias como aquelas surgidas no contexto da ascensão socialista, ao passo que incorpore novas demandas de um mundo contemporâneo que tem percebido novas necessidades de grupos sociais oprimidos:

Ao invés de simplesmente endossar ou rejeitar o que é simplório na política da identidade, devíamos nos dar conta de que temos pela frente uma nova tarefa intelectual e prática: a de desenvolver uma teoria crítica do reconhecimento, que identifique e

assuma a defesa somente daquelas versões da política cultural da diferença que possam ser combinadas coerentemente com a política social da igualdade. Ao formular esse projeto, assumo que a justiça hoje exige tanto redistribuição como reconhecimento (Fraser, 2006, p. 231).

A combinação de “redistribuição”, que seria a ação para reparar danos da injustiça econômica verificada na sociedade capitalista, com o “reconhecimento”, que tem como objetivo, entre outros, fazer uma reparação das injustiças culturais, ou simbólicas (que não dizem respeito a uma uniformização da produção cultural, mas sim do acesso à cultura universal e ao direito cultural), é para Fraser (2006) uma síntese teórica necessária para uma análise eficaz dos problemas contemporâneos. Como remédio para a injustiça econômica, a autora cita a necessidade de uma reestruturação econômica, que não daria cabo, todavia, dos problemas da injustiça cultural.

O remédio para a injustiça cultural, em contraste, é alguma espécie de mudança cultural ou simbólica. Pode envolver a revalorização das identidades desrespeitadas e dos produtos culturais dos grupos difamados. Pode envolver, também, o reconhecimento e a valorização positiva da diversidade cultural. Mais radicalmente ainda, pode envolver uma transformação abrangente dos padrões sociais de representação, interpretação e comunicação, de modo a transformar o sentido do eu de todas as pessoas (Fraser, 2006, p. 231).

Tomando Fraser (2006) como referência para pensar o contexto de formação do campo da educação museal no Brasil, se considerarmos os marcos da produção intelectual presentes no início do século XX, faz-se necessário reconhecer o protagonismo feminino, percebido na atuação de mulheres que compuseram equipes dos primeiros e, até então, mais importantes museus do Brasil.

Como dito previamente, os estudos que combinam Museologia e gênero são recentes. Nesse contexto, as temáticas que derivam dessa não alcançaram ainda em termos significativos os estudos sobre a presença de mulheres no universo laboral da Museologia, especialmente no campo da educação museal. De acordo com Camila Wichers (2018), no artigo intitulado “Museologia, Feminismo e suas ondas de renovação”, é possível associar os estudos de gênero e Museologia numa perspectiva analítica que permite perceber um paralelo entre os avanços provocados pelas ondas feministas e aqueles percebidos como ondas de renovação da prática museológica.

Em outro texto, escrito com Kamylla Passos, Wichers (2021, p. 159) também aponta que: “Como processo educativo voltado a potencializar as relações entre pessoas, coletivos e sociedade com os museus, bens culturais e memórias, a educação museal coloca-se como eixo particularmente significativo para discussões acerca das diferenças”. A combinação de reconhecimento do papel das mulheres na educação museal e da identificação das concepções pedagógicas presentes em sua prática educativa e produção intelectual abre

caminhos para pensar uma Museologia e uma prática museal que promovam a inclusão social por meio da consolidação de políticas públicas voltadas para a solução das injustiças econômicas e culturais e para a concretização da transformação social.

O que se quer demonstrar nesse tópico é o potencial do entrelaçamento entre Museologia, gênero e Educação para realização de estudos que apontam para dados, teorias e histórias que estimulem a ocupação de espaços por mulheres e a transformação da vida, por meio do reconhecimento e da representatividade.

Museologia e Educação

A dificuldade de se mapear o protagonismo feminino na história dos museus e da Museologia brasileira não é por acaso: a aplicação da categoria de gênero na produção historiográfica do campo museal evidencia uma escrita majoritariamente sustentada por autorias masculinas, que assumiram posições hierárquicas no campo e conduziram uma narrativa favorável aos seus interesses pessoais. Um exemplo recorrente é associarmos diretamente o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional à figura de Gustavo Barroso, na época diretor da instituição e um dos integrantes do corpo docente, mas não à Nair de Moraes Carvalho, que foi a coordenadora do Curso de Museus por mais de duas décadas, de 1944 até 1967 (Sá, 2007), além de também exercer a docência. Como desnaturalizar um modelo de fazer História que relegou às mulheres uma posição de silenciamento, ou mesmo de ausência? Uma possível resposta: reescrevendo essa História, tornando-a mais heterogênea e inclusiva.

A história da educação museal é um recorte que permite posicionar trabalhadoras de museus como intelectuais do campo: Nair de Moraes Carvalho, Sigrid Pôrto de Barros e Dulce Cardozo Ludolf são exemplos de profissionais que buscaram pesquisar, articular e produzir conhecimentos teórico-metodológicos que dessem respostas para a articulação entre Museologia e Educação a partir das vivências cotidianas que tinham no Museu Histórico Nacional (Faria, 2013) . Realizar uma leitura analítica¹⁰ de suas publicações permite explorar as diversas abordagens teóricas, métodos e técnicas que as autoras se apropriaram para fomentarem a proposta de legitimação dos museus como espaços científicos, educativos e culturais.

Porém, cabe ressaltar que as três autoras não são um padrão do campo, ao contrário: embora o universo laboral da Museologia seja predominantemente feminino, poucas publicaram textos acadêmicos sobre a área na primeira metade e meados do século XX, ficando relegadas, conseqüentemente, ao campo da memória, e não da História. O Museu Histórico Nacional produziu Anais com a política de compor suas edições com textos assinados por seus(as) funcionários(as) pode ter sido um estímulo para essas mulheres registrarem seus interesses profissionais e acadêmicos, embora tenham deixado rastros de seus estudos, argumentos e

10 Processo de decodificação de um texto escrito, com vistas à apreensão/ recepção da mensagem nele contida. A leitura analítica é um método que busca apreender a mensagem global da unidade de leitura, de modo que o(a) leitor(a) tenha uma visão da integralidade do raciocínio desenvolvido pelo(a) autor(a), levando-o tanto à compreensão dessa mensagem como à sua interpretação. (Severino, 2009).

contribuições em outros indícios, como relatórios de viagens de estudos, eventos temáticos e publicação em diferentes suportes de difusão da informação, a exemplo de revista da área da Educação voltada a docentes (Faria, 2017; Faria, 2022).

Nair de Moraes Carvalho, Sigrid Pôrto de Barros e Dulce Cardozo, no decorrer de suas carreiras, demonstram interesse na intersecção museus e Educação. Embora tenham abordagens distintas, é possível mapear enfoques convergentes: estratégias de visitação (em especial, escolar), educação visual e processo ensino-aprendizagem, fundamenta es teóricas para execu o de práticas educativas em museus.

As três autoras defendiam que a distin o dos museus se centrava na oportunidade de promover o contato com a materialidade, experiência que daria ao visitante autonomia na produ o do conhecimento. Aprender pela experiência do convívio era um dos princípios da Escola Ativa e, nessa perspectiva, os museus tornaram-se atraentes espaços para explorar o aprendizado a partir de situa es concretas. Ir ao encontro dos espaços públicos, como cenários da natureza e espaços culturais, era impulsionar a atividade livre, criativa e aut noma. Barros (1958) defendia o museu como instrumento para a Escola Ativa, movimento que “[...] alargou a concep o de linguagem escolar, superando o tradicional domínio oral e escrito e buscando a constru o de todo um sistema de produ o de significados de intera o comunicativa” (Nunes, 1998, n.p.). Aos museus caberia, segundo Sigrid Pôrto de Barros, aguçar no público a capacidade de investiga o, interpreta o e crítica dos fatos históricos.

Segundo V. Moine (La representación del mundo histórico en el ni o de 9 a 12 a os – Enciclopedia de Educación, Motevideo. N  1 e 2–1933) há três maneiras de ensinar HISTÓRIA:

- A primeira: **rotineira**, corresponde a aulas com “matéria inerte”, sucessão de palavriado, por vezes, amenizado com uma simples fantasia na repeti o do texto;

- A segunda: **fantasista**, quando os mestres, atendendo mais a mobilidade infantil e ao seu gosto pelo detalhe, passam a contar histórias e não a ensinar a **História**, aos seus alunos. Poetizam os fatos e d o sempre preferência a lendas;

- No terceiro grupo, temos a **História vivida**, que   um produto da **Escola Ativa** onde, com a narra o, o professor estimula as pesquisas em arquivos, estabelece a assimila o através do estudo do folclore regional e orienta visitas a monumentos e aos MUSEUS. (Barros, 1958, p.49, grifo nosso).

Sigrid Pôrto de Barros (1958), ao vincular os museus às práticas da Escola Ativa, problematizava a necessidade das visita es, sobretudo escolares, adaptarem o aprendizado às fases de desenvolvimento e às varia es individuais das pessoas. Para Dulce Cardozo Ludolf (1964) a produ o de conhecimento nos museus se d , especialmente, pela visualidade, o que exigia dos(as) profissionais de museus uma competência intitulada pela autora de

pesquisa educacional, ou seja, a aptidão para estabelecer uma ligação entre a pesquisa do objeto e a divulgação. Esse processo envolve soluções teórico-metodológicas para atrair o público até o museu e tornar conhecido o seu acervo.

Os museólogos, com seus estudos, chegaram a resultados tão positivos que os museus ocupam hoje um lugar destacado no plano educacional. [...] [os museus] contam com técnicos experimentados, diplomados em cursos especiais, com tempo de serviço e trabalhos de pesquisa que constituem verdadeiro atestado de idoneidade. (Ludolf, 1964, p. 189).

A produção de Dulce Ludolf (1964) apresenta explicitamente a vinculação da função de pesquisar o objeto à aptidão do(a) conservador(a) de museus. Esse(a) profissional classificava, investigava e interpretava a participação da materialidade na dinâmica social. E, através da educação visual, promovia o acesso democrático ao conhecimento pelo sentido da visão, pois é uma característica dos museus capaz tanto aumentar sua comunicabilidade com o público, como assumir sua condição de instituições a serviço da educação.

Debates sobre os princípios da Escola Ativa e suas aplicabilidades aos museus, a exemplo da educação visual, desafiavam as autoras a refletirem como tais conteúdos teórico-metodológicos se reverberavam em suas práticas cotidianas. Nair de Moraes Carvalho (1957), ao propor esse exercício, oferece-nos algumas pistas de como a questão das visitas era tratada em suas rotinas no Museu Histórico Nacional. A autora compartilha a opinião de que o método de ensino a ser utilizado nos museus deveria ser o mais familiar possível e que caberia nas visitas causar a impressão de que o museu é um lugar especial a fim de despertar o interesse do retorno (Carvalho, 1957).

Para a autora, o público infanto-juvenil era potencial para a irradiação cultural dos museus e, por isso, se fazia necessário desenvolver a função educativa destes espaços. Uma das estratégias, para o aprimoramento do caráter educativo dos museus, era o aperfeiçoamento das visitas. A colega de trabalho Sigrid Pôrto de Barros compartilhava da mesma opinião: os grandes museus eram organizados para o público adulto, o que dificultava a compreensão dos(as) visitantes infanto-juvenis. O desafio era orientar visitas dentro de normas metodológicas que ajustassem o aprendizado à mentalidade infantil (Barros, 1958). A tentativa de categorizar o público infantil, para melhor aproveitamento da visita aos museus, ia ao encontro dos estudos pedagógicos e de psicologia educacional da época. Para tais argumentos, Sigrid Pôrto de Barros se valeu de publicações do campo da Educação, como Faria de Vasconcellos com o livro *Para observar crianças* (1934) e Sylvio Rabello com a publicação *A representação do tempo na criança* (1938) (Faria, 2017).

Para Sigrid Pôrto de Barros a relação entre Museologia e Educação, reverberada na parceria entre conservadores(as) e professores(as), bem como a disponibilização de serviços educativos por parte dos museus, estimularia os(as) estudantes a “[...] ouvir, observar, discutir, experimentar e comprovar” a História do Brasil (Barros, 1958, p. 72). Um

planejamento sistemático de visitas guiadas, palestras especiais para professores(as), envio de conservadores(as) de museus para os museus escolares resultariam, em suas palavras, em um lucro real educacional.

O contato com as publicações de Nair de Moraes Carvalho, Sigrid Pôrto de Barros e Dulce Cardozo Ludolf favorece” a compreensão de como as conservadoras de museus, que integravam o corpo funcional do Museu Histórico Nacional, posicionavam-se sobre o tema, articulavam-se com proposições de agentes do campo da Museologia e da Educação, e fomentavam o exercício do aprendizado nos museus. A produção engajada não só legitimou os museus como espaços de aprendizado, como também condicionou a educação como uma função a ser exercida. Esse movimento demandou uma organização do próprio campo museal, que na perspectiva teórica desenvolveu pesquisas, fundamentações teórico-metodológicas e produção de conhecimento sobre educação museal e, na perspectiva aplicada, elaborou estratégias de visitação, processos de ensino-aprendizagem em museus e, a longo prazo, políticas públicas que defendam tais interesses.

Museologia, Educação e políticas públicas

Em artigo intitulado “Por uma história da educação museal no Brasil”, publicado na série de livros “Educação Museal: conceitos, história e políticas”, Andrea Costa, Fernanda Castro e Ozias Soares (2020), ao defenderem o caráter histórico da constituição da educação museal como campo científico e como conceito, apresentam uma proposta de análise com marcos do desenvolvimento: (1) a criação dos primeiros museus; (2) a institucionalização dos processos educativos por meio da criação de setores educativos e (3) o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, profissionais e das políticas públicas de educação museal.

O terceiro momento, em que se identificam a criação com continuidade e consolidação das políticas públicas de museus e de educação museal apresentam a criação da Política Nacional de Educação Museal, que após um processo que incluiu consultas públicas, encontros virtuais e presenciais, em etapas locais, estaduais e nacionais, culminou na publicação de uma Portaria que oficializou a política e de um Caderno que traz a proposta de apresentar a educação museal como processo histórico, que institui um campo teórico, prático e político e apresenta um conjunto de conceitos e termos que embasaram a instituição da política.

Nesse cenário, analisado por Costa, Castro e Soares (2020), foi relevante a produção intelectual de educadoras museais, a exemplo das autoras já citadas, que se somam a

outras, como Bertha Lutz¹¹, Regina Real¹², Heloísa Alberto Torres¹³, Leontina Silva Bush¹⁴, Maria Glória Valente¹⁵, que à época pensavam os rumos da educação considerando o caráter específico da educação museal e seu papel para o desenvolvimento e a formação humana.

No capítulo do livro “A função educacional dos museus—60 anos do Seminário Regional da Unesco”, intitulado “Desafios da educação museal: Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus sessenta anos depois”, Fernanda Castro (2019) considera que a produção intelectual de educadores e educadoras realizada no período do Seminário Regional da Unesco, de 1958, contribuiu como fundamento para os debates que desenvolveram as premissas e as primeiras políticas públicas de educação museal brasileiras. Numa análise que compara o relatório do evento com a Política Nacional de Educação Museal, a autora aponta que:

Entre os pontos mais urgentes para o debate sobre os atuais desafios da educação museal no Brasil, destaco alguns que estão presentes na fundamentação e no desenvolvimento da PNEM: o reconhecimento da função educativa dos museus; a formação dos profissionais de educação museal; a profissionalização do campo; e a relação entre o trabalho educativo e a gestão dos museus. Alguns desses pontos são foco de debate no campo e estão apontados desde 1958, como se observa no relatório assinado por Georges Rivière, que resume os debates levados a cabo no Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus. Mesmo antes, se levamos em conta toda a produção sobre o tema que vinha sendo realizada por profissionais de museus no Brasil, constata-se um largo debate que nos dá pistas interessantes sobre o desenvolvimento da educação museal nacionalmente e sobre como o seminário de 1958 a marcou profundamente (Castro, 2019, p. 119).

É possível identificar pontes entre o relatório do Seminário Regional realizado em 1958, no Rio de Janeiro, e o Caderno da Política Nacional de Educação Museal, publicado em 2018. Do mesmo modo, percebem-se pontes e continuidades na produção intelectual das mulheres que foram testemunhas vivas do evento de 1958 e a aquela manifestada no embasamento da construção da Política Nacional de Educação Museal, na segunda década do século XXI. A seguir, apontaremos alguns paralelos que constituem essas pontes.

11 Bertha Maria Julia Lutz formou-se em Sciences, em Paris, na Sorbonne em 1918. Em 1919 tornou-se secretária do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Mais tarde, atuou como naturalista na seção de Botânica da mesma instituição. Em 1933 obteve o título de bacharel em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (Lopes, 2008).

12 Regina Monteiro Real matriculou-se no Curso de Museus em 1936, sendo diplomada no final do ano seguinte. Assim que se formou foi nomeada interinamente para os cargos de conservadora e secretária do Museu de Belas Artes. Também atuou de 1955 até 1969, ano de seu falecimento, no Museu Casa de Rui Barbosa. Publicou, em 1958, o livro *Museu Ideal* (Sá; Siqueira, 2007).

13 Heloisa Alberto Torres decidiu se dedicar à Antropologia e procurou, no Museu Nacional, o professor Roquette-Pinto. Em 1925 prestou concurso para professora substituta da Divisão de Antropologia e Etnografia, obtendo a primeira colocação e se tornando uma das primeiras mulheres funcionárias do conceituado Museu. Em fins de 1938, foi nomeada diretora do Museu Nacional, permanecendo até 1955. Para maiores informações de sua trajetória profissional, disponível em: https://www.museunacional.ufrj.br/semear/docs/Listagem_de_artigos_e_periodicos/artigo_FARIA-LUIS.pdf. Acesso em: abr. 2023.

14 Leontina Silva Busch foi professora de Prática de Ensino do Curso de Formação Profissional de Professor na Escola Normal Padre Anchieta e publicou, em 1937, o livro *Organização de Museus Escolares* pela Empresa Editora Brasileira (Santos, 2014).

15 Maria Glória Valente publicou em 1933, na *Revista Nacional de Educação*, um texto de orientações para a organização dos pequenos museus escolares. O artigo na íntegra, intitulado “O Museu da Escola Regional”, encontra-se disponível em: https://obrasraras.museunacional.ufrj.br/o/Rev_Nac_Edu_11-12/11-VALENTE.pdf. Acesso em: abr. 2023.

A produção intelectual das mulheres no Museu Histórico Nacional e a Política Nacional de Educação Museal: passado e futuro entrelaçados

Como mencionamos anteriormente, o levantamento de trechos em que se podia fazer um paralelo entre os textos escritos por Nair de Moraes Carvalho, Sigrid Pôrto de Barros e Dulce Ludolf e o conteúdo da Política Nacional de Educação Museal gerou uma lista de 52 trechos retirados dos quatro artigos analisados e 39 trechos da política em que se podem verificar afinidades teóricas ou temáticas.

Dada a dimensão desse conteúdo, nos ateremos aqui a analisar e fazer observações sobre um recorte entre o conteúdo levantado, tentando abranger uma diversidade de temas, além de ilustrar os aspectos teóricos do debate em tela, que versam sobre a identificação de concepções pedagógicas no material analisado, à luz do referencial teórico apresentado.

Os trechos trazem desde conteúdos mais pontuais, quanto reflexões mais complexas, por vezes podendo, por vezes, combinar as duas situações. . No recorte a seguir, selecionado do artigo de Nair de Moraes Carvalho (1957), observamos que a autora menciona uma crítica de autor da área a museus que ao realizarem trabalhos educativos o fazem com foco apenas em públicos infantis:

Estudando os museus infantis, dos quais nos Estados Unidos existem 35 e no resto do mundo, uma dúzia, êle mostra seus graves inconvenientes, a começar pelo principal dêles, que é criar nos meninos um mundo fantástico e irreal, que os prepara mal para as realidades quando se tornam adultos. Em páginas cheias de grande clareza, alinha os argumentos pró e contra, reconhecendo que há museus que jamais interessarão aos jovens, que, em certos casos, seria ótimo se organizassem certos museus de modo a servirem a pequenos e grandes ou se estabelecesse uma tal ou qual iniciação, a fim de que as crianças cheguem com esta compreensão aos mostruários destinados aos mais idosos. São os especialistas suecos aquêles que, no domínio da técnica museológica, **se têm insurgido contra os museus infantis, afirmando que os mesmos deixam no espírito dos meninos, sedimentada, a ideia de que os museus só servem para crianças, o que os afasta, da adolescência em diante, dêsses estabelecimentos.** Aliás, isso se tem verificado com alguma frequência nos Estados Unidos. Finalmente, Henri Fould aponta como solução do problema **“criar, nos museus para adultos, já existentes, departamentos juvenis”** (Carvalho, 1957, p. 19-20, grifo nosso).

A Política Nacional de Educação Museal, por sua vez, no seu princípio terceiro orienta a criação de setores de educação nos museus, com a finalidade de prestar atendimento aos diversos públicos:

Princípio 3 – **Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar**, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu.

Princípio 4 – Cada museu deverá construir e atualizar sistematicamente o Programa Educativo e Cultural, entendido como uma Política Educacional, em consonância ao Plano Museológico, **levando em consideração as características institucionais**

e dos seus diferentes públicos, explicitando os conceitos e referenciais teóricos e metodológicos que embasam o desenvolvimento das ações educativas (IBRAM, 2017, p. 4, grifo nosso).

Ainda no trecho do artigo de Carvalho (1957), pode-se fazer alusão aos princípios da Escola Ativa, que aposta na ludicidade como ferramenta de formação. A preocupação pedagógica com a forma de se abordar conteúdos de aprendizagem nos museus, bem como o reconhecimento da necessidade de se contemplarem as demandas de diferentes públicos, também pode ser observada em outro trecho da autora:

Sem dúvida se admitirá em todos os países que os objetos de museu podem representar para a mocidade parte de auxílio e de interesse. A atenção dada aos objetos visuais, tangíveis, reais, é geral nos indivíduos de **todas as idades, tipos e raças**. O problema atual consiste em saber como apresentar e utilizar o material, a fim de que o profano possa reagir bem e apreciar sua significação. Na Comunidade Britânica, a tendência é para cada vez mais reconhecer a necessidade de nova atitude em face dos problemas educativos; admite-se que métodos de ensino, adaptados durante séculos a um escolar culto e desejoso de aprender já não convêm mais às exigências da massa. O problema das crianças nos museus é um mero aspecto do problema mais vasto da educação popular (Carvalho, 1957, p. 24, grifo nosso).

A preocupação com a inclusão social de públicos diversos, traduzida na proposta de adesão a uma pedagogia que promova a “educação popular”, é marca da produção dessas intelectuais, ainda na primeira metade do século passado. Como vemos nos trechos de Sigrid Pôrto de Barros (1958), retirado do texto “O museu e a criança”:

O passado dos museus tornava-os órgãos de preservação e pesquisa. Contudo, modernamente, o conceito vai-se ampliando e eles passaram a lançar mão de recursos eficientes que os credenciam junto à Pedagogia, constituindo atualmente um dos melhores meios usados pela **Escola Ativa**, sobretudo em países em que o pequeno nível cultural do povo, não exclui a curiosidade do espírito e o desejo de progresso. [...] O ensino meramente verbal, exaustivo e improfícuo, cedeu lugar a métodos de realizações e experimentação. (Barros, 1958, p. 46, grifo nosso)

Essa dimensão plural, que deve por essência dialogar com a sociedade, respeitando suas demandas educativas e estimulando a experiência e a participação, é na Política Nacional de Educação Museal um princípio: “Princípio 2—A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade” (Brasil, 2017, p. 4). Nesse contexto, o papel do museu na Educação aparece ainda em outro texto de Sigrid Pôrto de Barros como indispensável ao salientar preocupação da ausência de museus em comunidades no País, demonstrando sensibilidade no que diz respeito ao entendimento da relação museu-escola como uma necessária política pública:

É compreensível que haja ensino sem auxílio dos museus e suas coleções (**comunidades existem em nosso país que não possuem um simples museu regional!**), mas é totalmente injustificável que existam museus dissociados dos

planos educacionais vigentes, dentro dos modernos ditames da “Escola Ativa”. Há uns vinte e cinco anos, na escolaridade comum, ao conhecimento livresco e ao ensino meramente verbal, sucedeu o emprêgo de métodos visuais. O ensino de História, por exemplo: não mais se restringiria à preleções e memorizações infindas dos temas dados. Passou a ser indispensável que o aluno fosse levado a consultar autores, selecionar temas de novelas, romances biográficos, realizar crítica, enfim. [...] O objetivo a ser atingido, era a formação da consciência social do aluno, através do ensino da História” (Barros, 1964, p. 219-220, grifo nosso).

A esse respeito são também possíveis paralelos com a Política Nacional de Educação Museal, que no seu, quinto princípio, apresenta a orientação de que os museus contribuam para o desenvolvimento regional de forma integrada com outras instituições: “Princípio 5 – Assegurar, a partir do conceito de Patrimônio Integral, que os museus sejam espaços de educação, de promoção da cidadania e colaborem para o desenvolvimento regional e local, de forma integrada com seus diversos setores” (Brasil, 2017, p.4). Ainda com relação a este trecho do texto de Sigrid Pôrto de Barros, é possível aludir às Diretrizes 1 e 5 do Eixo “Museu e sociedade”, da Política Nacional de Educação Museal, que apresentam a orientação de estabelecimento de colaboração entre os museus e os órgãos públicos e privados de educação, bem como de instituição de colaboração entre museus e comunidades para realização de ações educativas.

Diretriz 1 Estimular a colaboração entre órgãos públicos e privados de educação, promovendo a difusão da educação museal, em consonância com a Política Nacional de Educação Museal, visando à formação integral.

Diretriz 5 Promover programas, projetos e ações educativas em colaboração com as comunidades, visando à sustentabilidade e incentivando a reflexão e a construção coletivas do pensamento crítico (Brasil, 2017, p. 7).

Em síntese, o que estas autoras buscavam com suas reflexões, para além de tecer a trama de uma pedagogia que respondesse às especificidades do trabalho educativo em museus, ao passo em que este necessariamente se conectasse com o ensino escolar, era promover os museus como espaços de educação, com função educativa reconhecida e atrelada a todos os demais processos museais, como os de conservação, pesquisa e comunicação, como vemos no trecho retirado do artigo de Dulce Ludolf (1964), que pode ser relacionado ao primeiro princípio da Política Nacional de Educação Museal:

O museu de hoje é um centro de pesquisas. Seus funcionários esmiuçam a origem, a qualidade e o valor dos objetos, preocupam-se com os problemas técnicos de sua apresentação e de sua conservação, com a influência que exercem sobre a educação dos visitantes. [...] Nos centros de estudos como os museus, em que os conservadores se dedicam a pesquisas diárias, a divulgação assume uma importância fundamental. Ao mesmo tempo que exerce função educativa, estabelece o intercâmbio cultural entre os estudiosos e entre as Nações (Ludolf, 1964, p. 189-193).

Princípio 1 – Estabelecer a **educação museal como função dos museus** reconhecida nas leis e explicitada nos documentos norteadores, juntamente com a preservação, comunicação e pesquisa (Brasil, 2017, p. 4, grifo nosso).

O reconhecimento da fundação educativa dos museus e o entendimento de que essas instituições devem ser integradas à escola e às comunidades, preocupações das atuais políticas públicas, seja no campo da Museologia, seja no da Educação, aparece, em síntese, numa fala, ainda pertinente, de Sigrid Pôrto de Barros (1964), no artigo “A mensagem cultural do museu”:

Sabemos também, que os colégios que visitam os museus, são em número bem pouco expressivo, em relação à quantidade dos estabelecimentos de ensino existente em nosso Estado. Consequência natural dos currículos que asoberbam a escolaridade, deixando pequena margem às atividades extra-classe. Os poucos professores que ainda encorajam seus alunos a visitas deste tipo, o fazem por senso pedagógico, mas têm que conseguir, em geral, os ônibus para transporte dos alunos, nas frotas dos próprios colégios. Ora, estabelecimentos que possam fornecer condução a seus matriculados, existem em pequeno número, e em sua maioria são frequentados por estudantes pertencentes a grupos de melhor nível sócio-cultural. Resta assim, pequeno número de estudantes que vêm ao museu por conta própria, ou por meio de transporte fornecido pelo Estado, o que é bem mais raro. Perde neste caso, também, o museu uma excelente oportunidade de atingir grupos e classes diferentes: e auxiliar um melhor entendimento entre os homens, por meio de uma mensagem cultural niveladora. Mas reconhecemos, conscienciosamente, que se fosse maior o número de colegiais visitantes, não poderia ser maior a atenção à êles destinada pelos nossos museus, enquanto não forem criados “Serviços Educativos” funcionando separadamente, dos serviços técnicos de pesquisa. O orientador de uma turma (que não pode ser confundido com um simples guia) precisa ser um profissional de formação universitária que alie ao dom natural da palavra, um indispensável conhecimento das modernas técnicas educacionais: necessita ter um vocacionamento para o trabalho com as “coisas de museu” e um bom senso inato que o fará transformar, tudo isso, em frases simples, ditas com boa parcela de humor; e que transmita o seu conhecimento com uma segurança tal que aqueles que o ouçam, fiquem contagiados pela mesma centelha que o anima e faz viver, a mensagem do museu (Barros, 1964, p.227-228).

O trecho acima, escrito em 1952 e publicado em 1964, mas que poderia ter sido elaborado no dia de ontem e representaria assim necessidades contemporâneas, traduz alguns dos principais desafios da educação museal no Brasil:

- A ampliação da relação museu-escola, representada por uma maior visitação aos museus;
- A realização de formação de professores voltada à promoção da integração entre museus e escolas;
- A carência de transporte para realização de visitas a museus, geralmente ausentes na maior parte dos municípios ou comunidades;
- A frequência majoritária de classes sociais abastadas aos museus e a necessidade de popularização desses espaços, especialmente em relação à sua função educativa;

- A necessidade do reconhecimento da função educativa dos museus por meio da criação de setores educativos nas instituições e da contratação de profissionais especializados no trabalho educativo, para desenvolvimento de programas, projetos e ações de educação museal.

Apresentados apenas sete dos 52 trechos identificados nos quatro textos de Nair de Moraes Carvalho, Sigrid Pôrto de Barros e Dulce Cardozo Ludolf, podemos perceber a importância que suas produções intelectuais têm para a educação museal nos dias de hoje, sendo fundamental o reconhecimento para a inclusão de suas reflexões na formação de profissionais de educação, museólogos(as), educadores(as) museais. Dessa maneira, permitir-se-ia que os museus exercessem sua função educativa associando as políticas públicas de museus e de educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pontes entre passado e futuro, ou uma luta feita por muitas mãos ao longo da história

A pesquisa parte da premissa de atribuir reconhecimento e inclusão social de mulheres no campo da educação museal, considerando suas atuações, produções, originalidades, autonomias e importância histórica. Neste texto apresentamos um recorte acerca das pontes entre a produção intelectual de mulheres que atuaram no Museu Histórico Nacional de 1922 a 1958 e a Política Nacional de Educação Museal, com algumas análises preliminares. A necessidade de promover o reconhecimento histórico do trabalho dessas mulheres para refletir sobre a inclusão social contemporânea é, talvez, o que mais fundamenta as reflexões apresentadas aqui. Esperamos ter demonstrado o papel relevante e a importância histórica dessas mulheres para a construção do campo da educação museal. Embora estejam imbuídas do contexto educacional de sua época, suas concepções pedagógicas e anseios por museus mais inclusivos e participativos ainda se fazem presentes nas propostas da educação museal brasileira, hoje referenciada em uma política pública. Citar as mulheres que protagonizaram os primórdios da reflexão crítica acerca da educação museal no Brasil, possibilitando a abertura de caminhos para a construção dessa política pública, é reconhecer e valorizar seus papéis na transformação da nossa sociedade.

Em um mundo ainda liderado majoritariamente por homens, após seis anos em que as questões de gênero e mesmo de humanidade foram abaladas por governos que tiveram na cultura a grande vitrine para imposição de valores conservadores e do desmonte das políticas públicas culturais, a resistência de uma política pública de educação museal que segue existindo e que tem no seu embrião o pensamento feminino sobre educação é um sopro de esperança de que a transformação da sociedade só se dará quando as mulheres ocuparem seu lugar nos espaços de poder, de decisão e de construção dos legados sociais.

REFERÊNCIAS

BARROS, S. P. A mensagem cultural do Museu. *In: Anais do Museu Histórico Nacional*, 8., 1964, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1964. p.216-228. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/23>. Acesso em: 1 abr. 2023.

BARROS, S. P. Museu e a Criança. *In: Anais do Museu Histórico Nacional*, 9., 1958, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958. p. 46-73. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/19>. Acesso em: 1 abr. 2023.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, 2017. Disponível em: <https://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/08/Política-Nacional-de-Educação-Museal.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2023.

BRASIL. Portaria Ibram nº 605, de 10 de agosto de 2021. Dispõe sobre a Política Nacional de Educação Museal – PNEM e dá outras providências. **Gov.br – Ministério da Cultura**, Brasília, DF, 2021.

BRULON, B. Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 55, p. e195515, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8656393>. Acesso em: 1 abr. 2023.

CARVALHO, N. M. Papel Educativo do Museu Histórico Nacional. *In: Anais do Museu Histórico Nacional*, 8., 1957, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957. p.18-30. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/18>. Acesso em: 1 abr. 2023.

CASTRO, F. Desafios da educação museal: Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus sessenta anos depois. *In: CHAGAS, M. S.; RODRIGUES, M. V. M. (org.). A função educacional dos museus: 60 anos do Seminário Regional da Unesco*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2019, p. 117-128. Disponível em: https://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/Livro_seminario_WEB.pdf. Acesso em: 1 abr. 2023.

COSTA, A.; CASTRO, F.; CHIOVATTO, M.; SOARES, O. Educação Museal. *In: BRASIL. Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília: Ibram, 2018. p. 73-75. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2023.

COSTA, A. F.; CASTRO, F.; SOARES, O. Por uma história da educação museal no Brasil. *In: COSTA, A. F.; CASTRO, F.; SOARES, O. (org.). Educação museal: conceitos, história e políticas*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&fbclid=IwAR3V6NYt7tP5plmBsua7XulsaTJxWeqvi_tfdMi0xZvsHp3gZGleqMP34CM&pagfis=75617. Acesso em: 1 abr. 2023.

FARIA, A. C. G. Educação em museus: um mosaico da produção brasileira de 1958. **Revista Mouseion**, Canoas, n. 19, p. 53-66, dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/1867/1235>. Acesso em: 1 abr. 2023.

FARIA, A. C. G. **Educar no museu**: o Museu Histórico Nacional e a educação no campo dos museus (1932-1958). 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/158339>. Acesso em: 1 abr. 2023.

FARIA, A. C. G. Estratégias de difusão da educação em museus por meio da escrita: a atuação do Museu Histórico Nacional em seu Anais e na Revista do Ensino. **Cadernos de História da Educação**, [s. l.], v. 21, n. contínua, e062, p. 1-11, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/64736>. Acesso em: 1 abr. 2023.

FARIA, A. C. G. **O caráter educativo do Museu Histórico Nacional**: o curso de museus e a construção de uma matriz intelectual para os museus brasileiros (Rio de Janeiro, 1922-1958). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/72139>. Acesso em: 1 abr. 2023.

FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento. Dilemas da justiça numa era pós socialista. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, 2006, p. 231-239. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50109/54229>. Acesso em: 1 abr. 2023.

LOPES, M. M. Convite à leitura: “o conceito do museu está em plena evolução”. In: MIRANDA, G. G.; SANTOS, M. J. V. C.; ESTEVÃO, S. N. M.; FONSECA, V. M. M. (org.). **A função educativa dos Museus**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2008. p.19-23.

LUDOLF, D. C. Nova Diretriz dos museus. In: Anais do Museu Histórico Nacional, 8., 1964, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1964. p. 189-200. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/issue/view/23>. Acesso em: 1 abr. 2023.

NUNES, C. Historiografia comparada da escola nova: algumas questões. **Revista da Faculdade de Educação**, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 105–125, jan. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rfe/a/jbQXd59PgD7S5NLmzc8HP6C/?lang=pt>. Acesso em: 1 abr. 2023.

RECHENA, A. M. D. **Sociomuseologia e gênero**: imagens da mulher em exposições de museus portugueses. 2011. Tese (Doutorado em Museologia) – Programa de Pós-Graduação em Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2011. Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/aida_rechena.pdf. Acesso em: 1 abr. 2023.

SÁ, I. C.; SIQUEIRA, G. K. **Curso de Museus – MHN, 1932-1978**: alunos, graduandos e atuação profissional. Rio de Janeiro: UNIRIO, Escola de Museologia, 2007. 258p.

SANTOS, D. P. **Prática(s) de ensino na escola normal Padre Anchieta na década de 1930**: o museu didático nas proposições da professora Leontina Silva Busch, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-09122014-112249/>. Acesso em: 1 abr. 2023.

SAVIANI, D. **Projeto “20 anos do HISTEDBR”**. [Campinas]: UNICAMP, 2005. As concepções pedagógicas na história da educação brasileira. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4430725/mod_resource/content/1/3%20-%20D_Saviani_Concep_Pedag_Hist_Educ_Brasil_2005.pdf. Acesso em: 1 abr. 2023.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 1999. Disponível em: https://grupos.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/336255/mod_resource/content/1/Escola%20e%20democracia_Saviani.pdf. Acesso em: 1 abr. 2023.

SEVERINO, A. J. Texto, comunicação e leitura. *In*: SEVERINO, A. J. **Como ler um texto de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009. p. 9-22.

VAQUINHAS, I. Museus do feminino, museologia de gênero e o contributo da história. **Revista MIDAS**, [s. l.], n. 3, 2014. Disponível em: [https://journals.openedition.org/midas/603#:~:text=Na%20atualidade%2C%20os%20museus%20da,articulam\)%20com%20as%20mudan%C3%A7as%20sociais](https://journals.openedition.org/midas/603#:~:text=Na%20atualidade%2C%20os%20museus%20da,articulam)%20com%20as%20mudan%C3%A7as%20sociais). Acesso em: 1 abr. 2023.

WICHERS, C. A. M. Museologia, Feminismo e suas ondas de renovação. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [s. l.], v. 7, n. 13, p. 138-154, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17781#:~:text=Resumo,campo%20e%20as%20lutas%20feministas>. Acesso em: 1 abr. 2023.

WICHERS, C. A. M.; SANTOS, K. K. P. Gênero e Diferença na Educação Museal brasileira: provocações feministas sobre ausências e assimetrias. *In*: PRIMO, J.; MOUTINHO, M. (ed.). **Sociomuseologia**: para uma leitura crítica do Mundo. Lisboa: Departamento de Museologia

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2021. p.159-180. Disponível em: https://www.museologia-portugal.net/files/sociomuseologia_leitura_critica_mundo-com_capa_final-rev_carolina-copiar.pdf. Acesso em: 1 abr. 2023.